

O valor

Por Américo Venâncio Lopes MACHADO FILHO

Atribui-se a Albert Einstein (1879-1955) a ideia de que é

fundamental que o estudante adquira uma compreensão e uma percepção nítida dos valores. Tem de aprender a ter um sentido bem definido do belo e do moralmente bom.

Esse aforismo é - como convém a toda boa máxima - de extrema simplicidade linguística, mas, paradoxalmente, de ingente dimensão intelectual.

Ao se referir a “valor”, a “belo”, a “sentido” e a “moralmente bom” - em relação ao que julga fundamental ao estudante -, permite Einstein que se possa vislumbrar a razão de ter tido seu próprio nome, progressivamente, assumido, na sociedade moderna, os traços sêmicos que permitiram que se lhe associasse a noção de gênio.

Cada uma dessas lexias incorpora, immanentemente, conceitos universais que têm possibilitado a sobrevivência da centelha original que distinguiu o homem de outras espécies telúricas e que têm, desde então, motivado a constante renovação da imaginação, da criatividade e, principalmente, construído e reconstruído a vida em sociedade, na história.

Não obstante comportem essas unidades lexicais amplo espectro semântico, em diferentes usos sociais (no que concerne às acepções que se lhes possam imputar), as condições impostas pela explosão tecnológica moderna, nomeadamente, da revolução mundial dos meios e suportes de comunicação, têm pulverizado os princípios que regem a relatividade desses conceitos, sobretudo no que pese a uniaxialidade que possam conjugar.

O irrestrito acesso à informação tem gerado, hodiernamente, algo análogo ao tão criticado “analfabetismo funcional”, isto é, o aluvião midiático da informação não tem assegurado ao estudante, em seu percurso de formação, o devido tempo para que possa absorver com propriedade o volume excepcional de dados de toda ordem a que se expõe cotidianamente e, menos ainda, o momento de refletir sobre valores que subjazem a toda a parafernália comunicativa que se lhe impõe.

A carga nocional de “valor”, tão necessária como princípio social, para que o “sentido”, o “belo” e o “moralmente bom” possam ser veículos nas relações interpessoais, tem-se esvaído, “avançado semáforos”, “furado filas”, “desrespeitado compromissos”, ignorado os direitos do outro, promovido reveses a quem se atreva, mesmo com função educacional, a denunciar-lhe a impropriedade de acepção.

Poderia, enfim, VALOR, sem impedimento moral para alguns, ser grafado “Rolav” ou “Lorva” ou “algo que o valha”, pois não define, não decodifica o sentido, não significa, não vale mais...